



Paola Berenstein Jacques *

entrevista

Alessia de Biase **

PAOLA: No último número da revista publicamos a entrevista que você fez com a Ana Clara Torres Ribeiro. Você e Ana Clara têm alguns traços em comum, vocês duas trabalharam a questão da cartografia, era o tema da sua entrevista, trabalharam também no cruzamento entre diferentes disciplinas, a Ana Clara entre Sociologia, Geografia e Urbanismo e, você, entre Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, e vocês duas também trabalharam com a questão que mais nos interessa aqui, a Apreensão da cidade. Apreender a cidade é o título do seu último trabalho¹ que será publicado em breve. Vou pautar essa entrevista toda neste texto ainda inédito, que eu tive o prazer de ler, e eu queria começar exatamente por seu título. O que você entende exatamente por “Apreender a cidade”?

5

ALESSIA: Eu gosto muito da palavra apreender que existe em português mas que não existe em italiano, existe como nome, substantivo, apreensão, mas não existe como ação, como verbo, apreender. Quando eu descobri essa palavra foi muito importante para mim, porque apreensão em italiano

* arquiteta, urbanista, professora PPG Arquitetura e Urbanismo UFBA e Coordenadora do Laboratório Urbano

** arquiteta, antropóloga, coordenadora do Laboratório Arquitetura Antropologia – LAA/LAVUE/CNRS - ENSAPLV/ Paris-França

está somente relacionado com medo, qualquer medo, uma angústia.

PAOLA: Em português apreensão tem esse sentido também, a palavra tem os dois sentidos...

ALESSIA: Em italiano, só tem esse sentido. Então eu pensava que, em francês, *appréhender* (aprender) e *apprendre* (aprender) era a mesma coisa, e quando eu descobri que não era a mesma coisa, porque em italiano não tem essa ação e não tem esse segundo significado, para mim importantíssimo, quando eu descobri isso, eu disse: é isso que nós estamos fazendo! O que eu gosto muito em aprender, é o sentido de pegar com as mãos. Tem esse lado empírico também na apreensão da cidade, de ir ver como é que é e, em italiano, eu não sei porque desapareceu esse sentido... eu gostaria de trabalhar sobre isso também mas não sei quando [risos]. Eu já escrevi sobre a etimologia da palavra: *appréhender* é *prehendere* daí *prendre* (pegar), que me interessa, porque entre *hériter* (herdar) e *appréhender* (aprender) tem o *entretenir*, *prendesi cura* em italiano (tomar cuidado), que quer dizer também *tenir entre les mains*, ter, manter entre as mãos. Então me interessava esse sentido de ter na mão, ter entre as mãos, não num sentido demiúrgico, do demiurgo que tem as mãos sobre a cidade, mas mais no sentido do artesão que faz as coisas com as mãos, entre as mãos. Herdar é *prendre dans les mains* (pegar nas mãos), aprender é primeiro *saisir entre les mains* (apanhar entre as

mãos) e, em seguida, *saisir* (aprender) intelectualmente, compreender. E isso é que me interessa: essa passagem do apanhar entre as mãos, empiricamente, fazer a experiência, como você diria, e o depois quando se compreende. Então tem esse sentido de que passa pela experiência primeiro e depois é que vem a compreensão intelectual.

PAOLA: Então aprender a cidade para você é experimentar a cidade primeiro e depois compreendê-la?

ALESSIA: Sim, as duas coisas. Mas não sei se é diacrônico. Eu acho que para ter uma compreensão intelectual da cidade tem que passar por uma experimentação, então as duas coisas funcionam ao mesmo tempo, por isso uso a metáfora do artesão, porque o artesão, no sentido de Sennett,² é aquele que ao fazer as coisas, as compreende.

PAOLA: Compreende ao fazer?

ALESSIA: Sim, compreende fazendo.

PAOLA: Passo, então, para o subtítulo do seu trabalho: *Vers* (verso, a caminho de) uma antropologia da transformação. De um debate entre a Antropologia do espaço – que você explica bem no texto publicado neste número – à Antropologia *na* cidade e à Antropologia *da* cidade, você passa a propor uma Antropologia da transformação urbana, da transformação *da* cidade. A Antropologia da transformação da cidade seria um tipo de Antropologia *da* cidade? Ou seria ainda outra coisa? Você poderia explicar melhor essa passagem?

ALESSIA: A passagem não é direta, porque na verdade o primeiro caminho que eu fiz foi: eu deixei para trás a Antropologia do espaço e fui verso à Antropologia *na* cidade e *da* cidade, mas no início eu fiz também Antropologia *na* cidade.

PAOLA: Você poderia então nos explicar melhor o que seria a Antropologia *na* cidade?

ALESSIA: A Antropologia *na* cidade é uma Antropologia mais clássica, Antropologia urbana, como também é chamada, são os herdeiros da Escola de Chicago, onde a cidade é uma cenografia das ações humanas, onde a forma da cidade não influi necessariamente nas ações, no sentido das ações.

Depois o problema é a Antropologia da cidade. Porquê? Porque eu tive um mal entendido com a Antropologia da cidade, pois se considero que na Antropologia da cidade – como eu chamo essa Antropologia há 5, 6 ou 7 anos – a cidade é sujeito, não só sujeito intelectual ou objeto de pesquisa, mas um sujeito concreto, então digo que a Antropologia da transformação da cidade é um processo que vem daí.

PAOLA: Então a Antropologia da transformação da cidade vem da Antropologia *da* cidade?

ALESSIA: Sim, mas o problema para mim é a *da* cidade. Porque relendo muitos textos de Michel Agier onde ele fala de Antropologia *da* cidade, eu percebi que há 5 anos nós dois estamos num mal entendido enorme, porque para mim

a *da* cidade era a Antropologia que, finalmente, trabalhava sobre a relação entre o espaço e as ações, onde o espaço não é mais cenografia, mas é um sujeito também e, assim, com os moradores e os demais atores territoriais, o antropólogo fala desse espaço e não de outra coisa. Mas para o Michel Agier não existe concretude. Para ele a cidade é o objeto, episteme. Então esse foi o mal entendido com ele durante vários anos, nós falamos todos os dois sobre o *da* cidade mas não era exatamente a mesma coisa. A minha passagem então da Antropologia *da* cidade para a Antropologia da transformação da cidade é mesmo a questão da concretude que existe dentro da Antropologia *da* cidade.

PAOLA: Com concretude você quer dizer a materialidade da cidade?

ALESSIA: Sim, a cidade mesmo, *concretus* é *croîte ensemble* (crescer junto).

PAOLA: Uma construção coletiva.

ALESSIA: Contínua. Sim, contínua e coletiva. A partir desse mal entendido com Michel Agier, com a Antropologia *da* cidade, eu percebi que no final eu estava herdando, sem saber, algo da Antropologia do espaço, que era o espaço mesmo. Você imagina? Quando eu compreendi isso eu fiquei desesperada! [risos] Eu estava herdando a concretude do espaço, que na Antropologia do espaço era só isso... Essa minha passagem para Antropologia da transformação da cidade é então o resultado de um mal entendido com a

Antropologia *da* cidade, entre a cidade como episteme e a cidade concreta, corporal no sentido de uma presença, e qualquer coisa que eu estava herdando da Antropologia do espaço sem saber.

PAOLA: Que era o próprio espaço.

ALESSIA: Sim, o próprio espaço, mas essa herança era também a necessidade que tenho de espaço, que vem da minha formação em Arquitetura, não posso pensar a cidade como algo que não se pode pegar [pega e bate na mesa com as mãos].

PAOLA: Pegar nas mãos. Tocar...

ALESSIA: Não no sentido do demiurgo. Mas de algo que se pode ver, pegar, tocar ...

PAOLA: Então seria uma Antropologia *da* cidade que leva em conta a concretude e a materialidade da cidade.

ALESSIA: Sim, minha linha é um desenvolvimento da Antropologia *da* cidade como eu a entendi, eu parti daí para agora ver como a cidade se transforma, mas se nós pegamos a ideia mais pública da Antropologia *da* cidade, de Michel Agier,³ bem mais conhecida e divulgada que a minha, eu diria que o que faço não é bem uma Antropologia *da* cidade mas é uma outra coisa.

PAOLA: Que é a questão da transformação.

ALESSIA: Sim.

PAOLA: Mas quando você fala transformação há também a questão do tempo, e você só falou até agora do espaço...

Você ainda não falou na questão do tempo...

ALESSIA: Sim, só falei no espaço porque a questão do tempo não é uma batalha complicada com os antropólogos, a relação da Antropologia com as temporalidades da cidade não é uma coisa complicada. A questão temporal é sempre bem trabalhada pelos antropólogos, o problema é sempre o espaço e quando eu falo em transformação é uma forma de trabalhar juntos tempo e espaço.

PAOLA: O terceiro capítulo do seu trabalho é sobre Experimentar ferramentas para apreender a cidade, você cita três ferramentas: a *grille* (grade ou grelha), a *carte* (mapa, cartografia) e, por fim, um outro tipo de olhar. Para seguir sua ordem começemos pela grade ou grelha. Pode parecer paradoxal você propor uma grade, sobretudo para os arquitetos que associam imediatamente a grade a uma ferramenta moderna, dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) e você, ao contrário, relaciona a grade a uma experiência corporal, você poderia nos explicar melhor isso?

ALESSIA: Esta coisa da utilização da grelha é incrível, porque cada vez que apresento essa questão da grelha, que eu gosto muito, quando tem arquitetos na sala, eles berram: “Como é possível anos e anos e anos de batalhas para se livrar das grelhas e agora chega uma fazendo apologia da grelha!” [risos]. Mas isso só acontece nos primeiros 5 minutos, é só ao falar a palavra grelha g-r-e-l-h-a... 30 minutos depois não

tem mais isso, é uma maneira astuciosa de começar a brigar com os outros, sem saber porque no final... Pois eu desvio essa ferramenta. O problema é que, você sabe melhor isso que eu, com o movimento moderno em geral, a grelha é usada como uma ferramenta para analisar o mundo mas, para mim, não é essa a função. A grelha funciona para escolher o campo, eu coloco a grelha na cartografia mas não é para compreender algo com o que a grelha me faria ver. Essa é primeira coisa. A grelha não é parecida em lugares diferentes, o tamanho da grelha é algo que o pesquisador trabalha mesmo corporalmente na cidade. Fizemos experiências disso entre Paris e Bordeaux. Quando fizemos a experiência em Salvador⁴ fizemos a grelha do mesmo tamanho de Paris, mas isso foi logo no início. Agora, depois da experiência em Bordeaux, seria bom ver o tamanho da grelha em Salvador. Porque o tamanho é ligado à experiência urbana que você tem. Em Bordeaux por exemplo nós vimos isso de duas maneiras, vimos corporalmente o que era perto em Bordeaux comparado com o que era perto em Paris, compreender caminhando o que parece perto, o que está dentro da grelha é considerado perto. O que em Bordeaux era perto, em Paris era ainda mais perto, ou seja, o tamanho da grelha em Paris era maior. E também não é só a percepção do pesquisador, ele também faz como um turista chegando na cidade, faz perguntas às pessoas na rua – isso não é etnografia, é simplesmente caminhar

na rua e perguntar informações – se é perto ou longe, é o que eu chamo de pré-pré-pré etnografia ou trabalho de campo, um coisa meio troglodita do etnógrafo, de só perguntar [risos]. E depois tem um tipo de olhar gráfico, muito ligado a formação do arquiteto: você coloca a grelha sobre um lugar e vê que não é do bom tamanho, é como uma camiseta que você vê que não é do bom tamanho, do tamanho certo [risos]. Têm então a experiência da cidade, do caminhar e a do tamanho da camiseta também para arrumar o tamanho da grelha. Então, é tudo que não é moderno, não tem um sentido científico da grelha, é mais ligado à sensação que você tem na cidade, um olhar gráfico que você tem, mas não tem uma lei...

PAOLA: Mas para que serve exatamente essa ferramenta?

ALESSIA: Esta ferramenta, nós pensamos pela primeira vez em Paris. É para quando você está fazendo um pré trabalho de campo ou ainda precisa escolher um campo, você é muitas vezes influenciado por muitos fatores, os fatores podem ser a história do lugar, como essa história fica nas constituições das fronteiras culturais ou administrativas da cidade, podem ser também as questões econômicas, bairros mais ricos que outros. São informações que no início do campo, do momento de escolher um campo são muito pesadas, porque? Porque você já escolhe a maneira de ver, caminhar e olhar dentro, e este para mim era um problema, porque se eu quero

entender como a cidade funciona, se eu já represento cartograficamente a cidade que quero compreender, já com suas fronteiras administrativas, socio-econômicas ou políticas, eu já dou uma visão muito precisa. Então a questão da grelha é uma coisa bem mais simples, era pensar que podemos ver e representar a cidade sem fronteiras, em Paris isso era muito importante, a questão das fronteiras aqui é muito pesada.

PAOLA: Sem fronteiras, mas fixando uma delimitação aleatória...

ALESSIA: Sim claro, completamente aleatória.

PAOLA: Para desviar das fronteiras existentes...

ALESSIA: Isso. Por isso que digo que a grelha ajuda a se perder, porque na nossa maneira de caminhar nas ruas da cidade, nós sabemos, de forma consciente ou não, onde estão algumas fronteiras, só caminhando... Essa é uma herança dos situacionistas, dos jogos psicogeográficos, como, por exemplo, ao caminhar, pegar a primeira rua à direita e depois a primeira rua à esquerda, essa era também uma maneira de desviar...

PAOLA: Criar uma outra regra para desviar das regras existentes...

ALESSIA: Exatamente, digo se perder porque ao estar dentro do quadrado (a grelha é feita de quadrados) que não segue nenhum dos sentidos, mesmo o urbanístico, da cidade, você tem

uma percepção muito estranha do que é o perímetro, porque você não sabe bem onde é, você está dentro do perímetro mas de uma maneira diferente daquela do cotidiano, que é sempre influenciado por muitas fronteiras simbólicas, culturais etc. Esse perímetro é uma maneira de se perder ou de se reperder na cidade, porque lhe obriga a ir no limite do perímetro e ver o que acontece. Em Paris, isso foi muito importante no início porque aqui tem o problema do *Périphérique*⁵ como fazer um quadrado que o *Périphérique* não seja o perímetro, mas fique dentro do quadrado? Porque a maneira de representar Paris, em qualquer tipo de cartografia, tem sempre uma representação política-administrativa da cidade, você tem a representação pelos *arrondissements*.⁶ Sempre tem essa representação do dentro e do fora, como podemos sair desse tipo de representação que influencia completamente a maneira de olhar? De escolher um campo etc. Então a grelha, é fundamentalmente uma maneira de se desviar na maneira de apreender, de entrar em jogo, com a cidade. Ela ajuda a se liberar de muitas coisas... Me faz lembrar de quando eu fiz meu primeiro grande trabalho de campo no Brasil, eu tive uma reunião com o meu orientador, Marc Augé, antes de viajar, eu estava muito estressada, queria preparar o trabalho de campo, aproveitar o máximo antes, aí eu perguntei para ele, você tem alguma bibliografia para eu ler? Ele respondeu: “Não, nada. Você não sabe nada do

Brasil e se você conhecer alguma coisa antes de ir você vai ver as coisas lá com o olhar dos outros...” Na realidade, isso foi uma generosidade incrível que ele me ensinou. Como ficamos com o olhar “virgem” num lugar, sendo que na cidade você não pode fazer isso, é a sua cidade... Mas quando nós tiramos os significados dos mapas, das cartografias, as fronteiras mais pesadas, os significados ficam em mim, em você, e quando eu lhe peço para desenhar as fronteiras você pode desenhar, como você quiser, mas eu não lhe dou um mapa já com as fronteiras existentes, é bem mais interessante...

PAOLA: Você já passou diretamente para a segunda ferramenta que é a questão dos mapas, das cartografias, que a princípio também pode parecer paradoxal, já que essas representações estão relacionadas com uma visão do alto, de cima para baixo, mapas topográficos, militares, que seria o contrário de uma visão de dentro, dos moradores, mas aí você propõe essa ideia de cartografias habitantes. Seria essa uma outra ferramenta metodológica? Se para Arquitetura e Urbanismo a utilização da cartografia é algo corrente, para a Antropologia não é, porque então usar as cartografias para falar com os moradores? As cartografias habitantes seriam traduções espaciais das etnografias?

ALESSIA: O que eu chamo de cartografia habitante é o final deste processo, o morador faz os mapas - eu gosto muito de dizer que eles jogam cartas, como no Tarô [risos] - para nós, então eles desenham mapas

temáticos, espacializam em cima das temáticas que trabalhamos com eles no protocolo etnográfico que fazemos antes, com várias entrevistas, só na última entrevista que fazemos os mapas temáticos. Isso para mim é um desenho, não considero uma cartografia ainda... A passagem mais importante é a questão da tradução, que é substancialmente antropológica, o pesquisador é o tradutor, ele traduz não só a narração do habitante para outros, os que vão ler, mas ele traduz também o seu desenho numa forma mais legível. Se nós queremos uma ferramenta que possa ser comparada com as cartografias clássicas, temos que achar uma maneira de representar as coisas que não estejam ligadas às biografias das pessoas mas ao que as pessoas estão dizendo, o conteúdo das suas falas, que não está ligado sempre a uma maneira de representar. Por isso, que as cartografias habitantes são diferentes dos mapas mentais de Kevin Lynch,⁷ por exemplo, onde o desenho mesmo tem um significado, para mim o desenho não tem significado próprio.

PAOLA: Tem também toda a questão da Psicologia, uma interpretação psicológica do desenho, que você não faz...

ALESSIA: Eu não quero examinar como as pessoas desenham. Se eu coloco uma página em branco na frente de alguém pedindo para me desenhar algo, colocar sua narração de algo numa folha A4, para isso para mim é preciso saber desenhar em escala. E desenhar em escala é algo que se aprende nos

primeiros anos da Faculdade de Arquitetura, eu me lembro disso. Para mim, deontologicamente aí já tem um problema, ou você considera que qualquer pessoa sabe desenhar em escala ou você vai analisar a maneira pela qual as pessoas vão representar as coisas sendo que elas tem muitos problemas de expressão gráfica. Então por isso utilizo sempre uma base.

PAOLA: Que já tem uma escala...

ALESSIA: Sim. Eu quero trabalhar com eles no conteúdo do que eles falam e não nas maneiras de representar. Eu pensei muito porque eu não estava de acordo com Kevin Lynch, eu reli muito o Lynch no ano passado, ele foi muito importante para nós todos, mas ele faz, ainda nos anos 1960, os moradores desenharem numa folha em branco, isso é tipicamente moderno, ele faz uma *tabula rasa* simbolicamente, e são os moradores que devem reconstruir a cidade! Para mim isso é um problema, você não trabalha sobre a cidade, não faz ver a cidade. Então, o que eu quis fazer foi trabalhar com a cidade que está aí. Não com todo o poder para mim... que é também uma re colocação da figura demiúrgica do arquiteto, dizendo isso com muito cuidado, mas o processo é o mesmo, o gesto no lugar onde não tem nada.

PAOLA: Mas quando você dá uma base, ela é uma visão de cima, também demiúrgica..

ALESSIA: Claro, é uma visão demiúrgica mas é também uma visão técnica, que damos aos moradores, eles estão trabalhando para a cidade, é também

uma tabula sinóptica, eles fazem relações que não tendo essa visão de cima para baixo eles não fariam. Essa forma de trabalhar de cima para baixo é também um salto abstrato, ver a cidade de cima para baixo, sem fotografias, sem cores, é uma abstração completa. Trabalhar com essa abstração é interessante para ver como algumas relações entre as partes da cidade podem ser interpretadas e propostas pelos habitantes, depois, claro, um mapa é sempre uma visão de cima para baixo. Não acredito que só olhar de baixo para baixo dá em algo...

PAOLA: A cartografia habitante então ela é uma abstração mas com os dados dos próprios habitantes, o que muda são os indicadores que não são mais os dados estatísticos, e também os temas que são espacializados pelos próprios habitantes, é isso?

ALESSIA: É isso, mas só para concluir sobre as biografias das pessoas, quando você faz esses mapas, são mapas maravilhosos, mas são objetos singulares, o problema é: como eu faço passar do singular ao coletivo? Esse é um problema da Antropologia, como faço esse salto trabalhando com esse coletivo que não esquece o singular? Esse é o grande trabalho da Antropologia, esse é o fundamento mesmo da disciplina, poder falar do geral partindo do mais particular. Como nós podemos sair das visões muito particulares, biográficas de cada um, desenhos lindos dos moradores, obras de arte, para algo que seja uma narração coletiva.

PAOLA: A cartografia habitante é coletiva e pode ser comparada com cartografias tradicionais, o que daria então para elas um valor quase técnico, no momento em que você as compara...

ALESSIA: Um pouco técnico, como sempre digo. Essa é uma grande questão epistemológica. Sempre comparamos as cartografias, a questão é como comparamos qualitativo com quantitativo. A necessidade do qualitativo trabalhar com o quantitativo.

PAOLA: Juntos.

ALESSIA: Sempre juntos, para isso o qualitativo precisa ter uma representação que possa ser comparada mas nunca fazendo um falso mapa qualitativo, como os mapas cooperativos do Google, por exemplo, todo mundo coloca *I like* no lugar que gosta, *I like, I like, I like*, mas isso não é um mapa qualitativo, é quantitativo, mas ninguém acha que é quantitativo, isso é um falso qualitativo, só porque são as pessoas que vão marcar no mapa, mas o problema é o que quer dizer o *I like* de cada um, o que eu digo do meu *I like* de um lugar é diferente do que você diz do seu.

PAOLA: Porque aí não tem a tradução do pesquisador.

ALESSIA: Não tem tradução alguma. Tem só o gesto de marcar um lugar no mapa, isso sim é de cima para baixo. A tradução é tudo que o pesquisador entende da entrevista com o morador,

então o habitante não marca no mapa sozinho, este é um momento muito importante com o pesquisador, então o pesquisador precisa entender o que o morador está marcando no mapa para depois o pesquisador poder redesenhar o mapa para torná-lo mais legível.

PAOLA: A terceira e última ferramenta que você propõe, é um outro olhar, uma outra forma de olhar do pesquisador, um olhar de dentro e do detalhe, que é também um tipo de deslocamento do olhar, um tipo de desvio, na verdade as três ferramentas são desvios, você usa a grelha para desviar da fronteira existente e pré-concebida, você usa a cartografia habitante também para desviar de alguma forma das cartografias mais objetivas e estatísticas, mas também para poder conversar com elas, e tem também esse desvio do olhar. Essa ferramenta do olhar, que é diferente do olhar de cima e de longe da cartografia, estaria intimamente ligada ao que você defende, inclusive no seu artigo publicado neste número da revista, que seria essa postura antropológica de apreensão da cidade? Essa postura antropológica estaria ligada a este desvio do olhar, para o pequeno, o quase nada, o detalhe, um olhar de dentro?

ALESSIA: [risos] É. Também. As duas coisas não são pares antitéticos para mim, olhar de cima e de longe, e olhar de dentro e do detalhe, parecem antitéticos mas não são. A postura antropológica é intimamente ligada à maneira de se perguntar incansavelmente sobre a realidade que está na nossa frente e, por isso, o

detalhe ganha significado. Por isso eu defendo que os arquitetos e urbanistas podem ter uma postura antropológica, se quiserem, no sentido de se abrir para a possibilidade de ver que o mesmo lugar, se temos que falar de espaço, pode ser interpretado, visto e sentido de maneiras outras, e que essas maneiras outras participam da construção desse lugar, e essas outras maneiras controem também a nossa maneira de olhar a cidade. A postura é o modo como nós podemos compreender as maneiras dos outros olharem a cidade, por exemplo. Mas não são todos que têm esta necessidade de entender como a cidade pode ser olhada, interpretada, contada, narrada, e o significado que ela tem para os outros. Para muitos essa não é a questão.

PAOLA: Mas aqui onde estamos agora, no Laboratório de pesquisa que você coordena, essa é a questão principal...

ALESSIA: Para nós aqui sim. Para nós essa é a questão, por isso tem um salto disciplinar necessário, um mesmo lugar pode ser interpretado por vários atores, não só pelos habitantes, então temos que aprender a falar com os habitantes e como trabalhar sobre isso com os habitantes. Os antropólogos dão ferramentas para os arquitetos fazerem entrevistas com os habitantes e também os antropólogos mais puros, no mesmo lugar, vão entrevistar arquitetos para entender como o espaço foi concebido, eles precisam aprender a ler mapas, mas também pode ser interessante ver esse mesmo lugar estudado numa

pequena escala, numa outra escala bem maior, aí se têm relação com outras disciplinas, como a geografia, ou ainda com as questões temporais, com a história. Não se tem nunca uma só maneira de ver, por isso eu falo de uma postura antropológica, que é mais uma maneira de estar aberto – como um bom antropólogo ao fazer etnografia – ao fazer um trabalho de campo, é estar aberto para compreender como funciona o mundo e compreender todas as relações que os outros estão contando para nós. O que o antropólogo faz é compreender essas relações e colocá-las juntas, não num esquema como faziam os estruturalistas, mas num tipo de narração que faça sentido para um determinado momento histórico. Essa é uma postura antropológica, não é só disciplinar, pois vai além das disciplinas, é uma maneira de trabalhar com o tempo e com o espaço, por isso a luta disciplinar, entre as disciplinas, não me interessa em nada.

PAOLA: Aqui no Laboratório Arquitetura/ Antropologia, eu percebo claramente a busca desta postura antropológica pelos pesquisadores que são arquitetos e urbanistas, estamos aqui dentro de uma Escola de Arquitetura,⁸ mas e os outros pesquisadores, antropólogos e outros, que não tem formação em Arquitetura e Urbanismo? Será que poderíamos falar também de uma postura urbanística para os antropólogos?

ALESSIA: [Risos]. Eu gostaria muito!
[risos] Gostaria muito!

PAOLA: Esta postura urbanística para os antropólogos poderia ser equivalente a esta postura antropológica para arquitetos-urbanistas e seria o que possibilitaria os diálogos entre eles, arquitetos, urbanistas e antropólogos?

ALESSIA: Sim, claro!

PAOLA: E poderíamos falar, juntando essas duas posturas, de uma postura ou de um diálogo mais humanista sobre a cidade, como dizia Ana Clara Torres Ribeiro...

ALESSIA: Já me falaram que eu tinha uma postura ecológica, não no sentido ambiental, mas da maneira de trabalhar com as diferentes disciplinas, uma abertura disciplinar como no início do século XX, chamado de Ecologia Urbana, que não era uma disciplina mas era um conjunto de disciplinas pela cidade, não no fechamento disciplinar que aconteceu depois, quando o sentido ficou outro. Falar de Ecologia Urbana agora é outra coisa...

PAOLA: Você fala da Ecologia Urbana da Escola de Chicago?

ALESSIA: Sim, no início na Escola de Chicago não era só Sociologia urbana, Antropologia urbana, disciplinas separadas, eles faziam, sociólogos, geógrafos, urbanistas, um trabalho conjunto sobre a questão da cidade, o que era muito inteligente. Depois só ficaram as “escolinhas” uma na frente das outras e eu não sei nem dizer a diferença entre, por exemplo, Geografia Urbana e Sociologia Urbana... Se pode falar em pequenas diferenças mas, por quê?

PAOLA: Para quê?

ALESSIA: Sim, para que separar? Qual o sentido dessa separação? Não valoriza em nada, não. A Antropologia urbana, Sociologia urbana, Geografia urbana nasceram todas no mesmo momento, então não entendo para que separá-las, não entendo essa pequena guerra disciplinar entre as disciplinas sobre a cidade. Não compreendo, mesmo se eu batalho muito...

PAOLA: Mas minha pergunta era um pouco outra, por minha própria experiência aqui no Laboratório, eu entendi muito bem um aprendizado, uma apreensão, nos dois sentidos da palavra, de ferramentas da Antropologia e Etnografia para os arquitetos e urbanistas, mas eu vejo que tem também um aprendizado de ferramentas arquitetônicas e urbanísticas para os outros pesquisadores, sobretudo antropólogos, como você falou já da questão da cartografia...

ALESSIA: Sim, claro, eu compreendo o que você diz, você têm toda razão. Sim, sim, mas eu queria que ainda fosse mais. Eu discuti muito sobre isso no ano passado com um amigo arquiteto que é um grande leitor da Antropologia, ele me perguntou, “eu leio os antropólogos mas porque os antropólogos não leem os arquitetos e urbanistas?”. Não são todos que escrevem coisas desinteressantes, os textos de arquitetos e urbanistas não são sempre uma visão de cima para baixo. Nisso eu estou de acordo com ele, tem algo, que não seria bem um desprezo, talvez seja um tipo de desqualificação da parte dos

antropólogos, que fazem um discurso de que os arquitetos e urbanistas não podem tem uma visão, uma escritura, sensível da cidade porque eles não teriam uma experiência sensível da cidade, esta experiência só poderia partir dos habitantes, ou seja, só se compreenderia passando pelas etnografias... Eu acho esse discurso dos antropólogos muito limitado. Então se você pergunta para um arquiteto daqui do Laboratório sobre Michel de Certeau, Marc Augé, todos conhecem, mas se eu pergunto a um antropólogo sobre Aldo Rossi, Giancarlo de Carlo, por exemplo, eles nunca ouviram falar... É como se tivesse um peso disciplinar mais complicado para os antropólogos. Os arquitetos são educados a fazer montagens, colocar juntas disciplinas diferentes, seja só entre técnicas e humanísticas, são dois mundos diferentes. A Antropologia não tem esse problema, tem escolas de pensamento no interior da própria disciplina, mas não tem muitas coisas juntas de outras disciplinas, não se faz montagem, só de narrações, de palavras de moradores, mas não de outras disciplinas. Por isso digo que o problema epistemológico de fundo é colocar juntos o qualitativo com o quantitativo, as duas coisas juntas. Os arquitetos e urbanistas juntam as duas coisas, quase sempre fazem, ou melhor, os bons fazem...

PAOLA: Ou deveriam fazer...

ALESSIA: Sim, deveriam fazer, juntar qualitativo e quantitativo. Não estou fazendo uma apologia da formação dos

arquitetos mas eles tem a formação para isso, para juntar as coisas, lêem coisas diferentes, de literatura, de filosofia... Os antropólogos já ficam mais dentro do círculo da grande literatura produzida pelos que estão dentro do campo, sobre o que está fora... Mas os que escrevem de fora para dentro são raros, são os filósofos, existe uma relação entre Filosofia e Antropologia ou Psicologia e Antropologia, mas são poucos os antropólogos que trabalham com geógrafos, por exemplo, são raras essas relações.

PAOLA: Mas talvez seja também simplesmente por causa da abrangência da produção bibliográfica dentro do campo disciplinar da Antropologia, que é bem maior de fato do que no campo da Arquitetura e Urbanismo, que ainda produz muito menos...

ALESSIA: Isso é certíssimo, mas é incrível: é muito raro ver os antropólogos daqui do Laboratório lendo livros de urbanismo da nossa biblioteca, por exemplo... Isso é uma pequena briga minha com os antropólogos... A minha luta é para que os antropólogos tenham também essa cultura urbanística dos arquitetos, que saibam mais sobre a história do urbanismo, das teorias urbanísticas, que é também fundamental para se trabalhar sobre a cidade, para se compreender a cidade, sobre o que eles estão trabalhando. Sobretudo o discurso da disciplina urbanística, das teorias urbanísticas, sobre o que eu chamo de fazer a cidade, ou seja, as maneiras,

teorias, escolas de pensamento que estão por trás disso...

PAOLA: É isso que nós fazemos na nossa pesquisa da Cronologia do Pensamento Urbanístico,⁹ que vocês também colaboram...

ALESSIA: Exatamente.

PAOLA: Buscamos entender esta circulação de ideias urbanísticas, que às vezes vem de outras disciplinas e que às vezes vão para outras disciplinas também...

ALESSIA: Exatamente, para mim estas são questões fundamentais, mas não sei se são fundamentais para todos...

PAOLA: Talvez a grande questão do Laboratório Arquitetura/Antropologia esteja nessa dupla formação, ou ainda, a própria contaminação mesmo entre as duas disciplinas, Arquitetura e Antropologia, ou seja, quando uma disciplina contamina e se deixa contaminar pela outra, para que o diálogo entre elas possa ser ainda mais profícuo.

ALESSIA: Sim. Tem também a questão da implicação que é importante, ter a liberdade de poder pensar que os antropólogos também podem fazer projeto urbano, que o projeto não é só a criação de uma forma, mas se trata de um processo e que eles são também atores nesse processo. Esse é um problema, porque parece que há uma certa magia, que seria a magia da criação, que só os arquitetos teriam, e aí os antropólogos ficam de lado, olhando os arquitetos que desenham, como se o projeto fosse só isso. Minha

batalha é para que os antropólogos possam participar dos projetos, sejam atores, do início ao fim do processo. O problema é dos dois lados, os arquitetos e urbanistas pedem aos antropólogos ajuda no início do processo, na parte do “diagnóstico”, mas eles não sabem que isso já faz parte do projeto. Por exemplo, como o Alban Bensa trabalhou para o Renzo Piano no projeto da Nova Caledônia, ele só participou no início, passou todas as informações mas depois não participou mais. É como quando os moradores entram no processo e depois saem, tem uma certa blindagem dos arquitetos e urbanistas que defendem o projeto como algo que tanto do lado da criação quanto do lado da técnica seria só para os “iniciados”. Não seria nem participação o termo, porque quando você participa tem sempre alguém que lhe chama para participar, por isso acho que é melhor falar em implicação, que é se sentir, ser ator do processo. É como uma peça teatral, tem atores principais, protagonistas, e tem os figurantes, que entram e saem sem saber o valor da palavra dele no contexto de toda a peça. O problema é como fazer de todos os atores, protagonistas, moradores e outros, do início ao final da peça.

PAOLA: Mas isso muda se passarmos a pensar, o que não é fácil para a maioria dos arquitetos, que o projeto não é a configuração final do processo mas que é o próprio processo, desde o início, e que o processo todo já configura o projeto. Seria então uma questão de mudar a maneira de pensar o projeto e pensá-lo como um processo, e também como processo coletivo.

Pensar que o projeto urbano não é um monopólio de arquitetos e urbanistas, mas aí a questão autoral é colocada em jogo também, uma vez que todos que estão implicados no projeto são também co-autores...

ALESSIA: Exatamente. Eu tive a chance de conhecer arquitetos que integravam outros atores no projeto, isso é algo fundamental para mim agora, sobretudo do ponto de vista pedagógico. Para mim é um ato corajoso que reconhece as competências de cada um e solicita a implicação de todos, uma maneira de fazer não especializada dos atores para poder coconstruir um processo e tornar todos planejadores, para cuidar, tomar cuidado, da cidade.

PAOLA: Para fechar, eu queria que você falasse um pouco mais do que você chama de “empirismo impertinente”, eu gosto muito deste termo... De que forma você leva essa ideia tanto para as pesquisas do Laboratório quanto para a pedagogia, com seus estudantes em Arquitetura e Urbanismo?

ALESSIA: Na pesquisa acadêmica, para mim, isso é não se deixar cair na facilidade e no conforto de fazer teoria sem fazer prática. Agora, é muito confortável se fazer só teoria: você está bem confortável na sua casa, sozinho, ninguém lhe chateia, você e seu computador, fantástico! Então, você escreve, você se lê, uma ligação amorosa entre você e você... [risos] Não estou dizendo que isto não seja necessário, é importante que tenha gente que

faça isso, mas para o Laboratório a empiria é necessária, tem que antes de se sentar, correr um pouco pela cidade, suar um pouco antes de se sentar, e o impertinente é o lado indisciplinado, você pode fazer empiria, trabalho de campo, sem seguir as regras mais rígidas de fazer o trabalho de campo.

PAOLA: Os protocolos?

Alessia: Sim, os p-r-o-t-o-c-o-l-o-s. Nós criamos nossos protocolos, mas que mudam a cada vez. O impertinente é desviar todas as regras que nós mesmos nos colocamos, mas como se desvia e porque se desvia? O impertinente é também dizer: eu não sou um antropólogo mas eu vou fazer um trabalho de campo.

PAOLA: Então um arquiteto pode dizer que vai fazer uma etnografia?

ALESSIA: Mas é claro! Aqui no Laboratório isso não é mais impertinente porque todo mundo faz, mas para a academia seria uma impertinência essa ideia de que para compreender algumas coisas nós precisamos passar pela empiria, e que a empiria, todo mundo pode fazer, cada um de sua própria maneira, sem julgamento nenhum. E que, entre nós, podemos trocar nossas ferramentas, por exemplo, a Sandra Parvu, arquiteta e urbanista, está no campo e liga para pedir ajuda para a Cristina Rossi, que é antropóloga.

PAOLA: Isso não quer dizer que a Cristina e os antropólogos fazem as entrevistas e a

Sandra e os arquitetos as cartografias, ao contrário, quer dizer que as duas trocam de lugar também e fazem as duas coisas, etnografias e traduções cartográficas, não é?

ALESSIA: Sim, é isso, por isso que empiria impertinente seria uma empiria na frente de tudo, antes de tudo nós vamos tocar as coisas [bate na mesa], a realidade, e depois falamos entre nós, só depois... Mas como nós tocamos a realidade [bate na mesa] também é uma maneira impertinente, como nos colocamos, trabalhamos juntos etc.

PAOLA: Então esse tocar a realidade volta naquela sua fala inicial do ter, pegar, apanhar entre as mãos, essa impertinência tem ligação com isso? Com um apreender e ter uma experiência empírica, sem importar de qual disciplina você vem, seria uma ação indisciplinada nesse sentido, de não interessar a disciplina?

ALESSIA: Sim, o que interessa é como você está no campo, no seu trabalho de campo, não me interessa de onde você vêm, de qual disciplina. É como você é, nesse sentido é humanista, como você disse.

PAOLA: É a postura no trabalho de campo?

ALESSIA: Sim, no sentido humanista, de como é você no campo, como você contrói a sua relação com os outros, seja você um arquiteto, um antropólogo, um geógrafo, não me interessa, você têm seu próprio óculos para ver a realidade depois, mas o que me interessa é como você está no campo, como você contrói uma situação de campo.

PAOLA: Como você constrói com os outros?

ALESSIA: Sim, com os outros, não sozinho, porque senão você só faz *performances* ou outras coisas confortáveis [risos]. E outro problema é como transmitir isso para os estudantes, acho que isso tudo passa pela experiência também, dar aos estudantes possibilidades de experimentar ferramentas, fazer exercícios de experimentação. Mas não é fácil, às vezes falta tempo também de sentar confortavelmente depois e entender o que fizemos, esse é o problema do empirismo, não sobrar tempo para compreender o que se fez, as ferramentas que se usou etc. Gosto muito quando os estudantes usam depois as ferramentas que foram dadas, sozinhos, nessa parte tem toda a tradução, já tem um protocolo mas tem uma interpretação também, é quando eles fazem o salto, compreendem que as ferramentas são algo que eles ganham...

PAOLA: E que eles também podem mudar, criar outras ferramentas, elas não são sempre dadas, não são pré-existentes...

ALESSIA: Sim, isso é difícil porque estamos ainda na utopia de dar todas as ferramentas na mão dos estudantes, mostrar todas possíveis, fazer experimentar as formas de olhar a cidade, olhar de dentro, de baixo, de cima, do lado, dançando, tudo, mas aí eles ficam assim... [faz uma expressão de estar perdida, tonta] e eles não pararam para entender o que fizeram. É um pouco demais. Isso é por causa do medo que

temos de dar uma visão única, acabamos dando muitas maneiras, que eles podem escolher, mas o problema é a falta de tempo.

PAOLA: Então a relação da pedagogia com a empiria impertinente está diretamente relacionada também com a postura antropológica, mas esta postura não é fácil de se ensinar...

ALESSIA: Claro. Não é fácil de se ensinar, você não pode ensinar, você só dá pedaços de coisas, é como um jogo, e você espera que os estudantes façam as relações... Para um professor também, eu sempre me sinto mal quando estou muito confortável, eu me entedio só de pensar... Como não ficar na zona de conforto e trabalhar sobre isso? Tenho alguns resultados, tem alguns estudantes curiosos, o que é raro na França, aqui se eu tenho um só estudante curioso, eu já fico contente! A curiosidade aqui é um talento raro, não tem uma educação para a curiosidade e essa curiosidade é a empiria impertinente. Curiosidade é aquela de querer saber o que o seu vizinho está fazendo [ela se levanta e abre um pouco a porta para ficar espiando o que está acontecendo lá fora], é um pouco isso. Eles não têm curiosidade de saber, por exemplo, na história da arquitetura, quem eram os arquitetos, quem eram os amigos deles, suas vidas privadas, eles não tem curiosidade alguma. Empiria impertinente é uma forma de curiosidade. Curiosidade e segurança tem a mesma etimologia, que é “cura”, curioso e seguro estão no mesmo

arco semântico, na mesma família de sentidos, de cura, de...

PAOLA: ...de cuidado.

ALESSIA: Isso, cuidado, mas tem que ser curioso também.

PAOLA: Mas para ser curioso tem que sair de sua zona de segurança...

ALESSIA: É claro, são os dois opostos mas que estão na mesma família.

PAOLA: Para você então a empiria impertinente é sair da segurança para chegar numa curiosidade que leva... ao incerto?

ALESSIA: É isso, o problema é esse, sair da segurança, do confortável, é isso.

PAOLA: Mas para você a teoria “pura”, sem essa empiria, e a arte, você falou da performance, também ficariam nesta zona confortável, na zona de segurança?

ALESSIA: [Silêncio] Não, não são todos assim, eu não diria isso, é mais uma maneira de fazer, tem uma empiria outra, que não é só aquela de ir para a rua, de fazer coisas, tem uma empiria de ver os livros, de estar com os autores, outro tipo de curiosidade que não é só ligada à realidade externa, que é mais uma postura pessoal, nós temos necessidade, eu também utilizo muito os teóricos, que não fazem trabalho de campo...

PAOLA: E os artistas? Que por vezes também fazem trabalho de campo...

Alessia: Sim, claro [pausa] na verdade

eu gosto de muitos artistas que fazem trabalho de campo.

PAOLA: Você quer dizer mais alguma coisa?

ALESSIA: Eu quero dizer *bacio à la mamma* [gargalhadas], como todos os italianos quando entrevistados pela televisão nos jogos de futebol [muitos risos].

Notas

¹ *Appreghender la ville. Vers une anthropologie de la transformation urbaine.* Trabalho formulado para defesa de HDR (Habilitation à Diriger des Recherches), que teve como banca (13/4/2012) os professores e pesquisadores: Anne Raulin, Université Paris Ouest; Michel Agier, EHESS; Augustin Berque, EHESS; Jean Marc Besse, CNRS e Philippe Bonnin, CNRS. A publicação encontra-se no prelo, será publicado pelas éditions Donner Lieu (Paris).

² RICHARD, Sennett, *The Craftman*, publicado em português (tradução de Clovis Marques) como *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

³ AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos.* Tradução Graça Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

⁴ Recorte Salvador, Atelier 5 FAUFBA – <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/recortesalvador/index.htm>>.

⁵ Anel viário em torno da cidade de Paris, no lugar dos antigos muros da cidade, que faz a fronteira entre Paris e as *banlieues*, as periferias.

⁶ As 20 regiões administrativas de Paris *intramuros*, cada qual com sua subprefeitura.

⁷ LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade.* Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁸ O Laboratório Arquitetura /Antropologia (LAA) faz parte da Escola Nacional Superior de Arquitetura de Paris-La Villette (ENSAPLV).

⁹ Pesquisa realizada por equipe do Laboratório Urbano (UFBA) e equipe do LEU (UFRJ): <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br>>.